

## Apesar dos Pesares: Um processo de Gramaticalização

Gabriela Crisitina Almeida Lamim<sup>1</sup>  
Júlia Langer de Campos<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo baseia-se na perspectiva teórica da Linguística Centrada no Uso e pretende demonstrar, através da gramaticalização, o processo de mudança que levou o substantivo *pesar* (tristeza, desgosto, pena) a se gramaticalizar dentro da construção *a pesar de* até se tornar a locução prepositiva de valor concessivo *apesar de*. Neste artigo, serão abordadas as estratégias discursivas que motivam a mudança linguística, bem como os processos cognitivos gerais que refletem, na linguagem, o modo como vemos o mundo. Esta pesquisa baseou-se em Bybee 2010, mais especificamente no capítulo 8, que a autora dedica à análise da preposição composta *in spite of*, demonstrando a passagem do substantivo *spite* para a locução prepositiva *in spite of*. Inspiradas neste trabalho, buscaremos investigar como a construção menos esquemática *a pesar de* se tornou uma construção mais esquemática de valor concessivo *apesar de* no português.

**Palavras-chave:** gramaticalização; gramaticalização de construções; linguística centrada no uso.

**Abstract:** This article is based on the theoretical perspective of Usage-Based Model and intends to demonstrate the change process that led the noun *pesar* (grief) to grammaticalize within the construction *a pesar de* and become the complex preposition *apesar de*. In this article we will discuss the discursive strategies that motivate language change, as well as the general cognitive processes that reflect the way we view the world. This research was based on Bybee 2010, in which the author devotes the eighth chapter of the book to the analysis of the complex preposition *in spite of*, demonstrating the passage from the noun *spite* to the complex preposition *in spite of*. Inspired by this work, we try to investigate how the less schematic construction became a more schematic concessive one in Portuguese.

**Keywords:** grammaticalization; grammaticalization of constructions; usage-based Model

### Introdução

O presente trabalho tem como principal objetivo investigar, sob a perspectiva teórica da linguística centrada no uso, como se deu a gramaticalização do substantivo *pesar* (tristeza,

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística- UFRJ. RJ, Brasil. gabi\_lamim@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestranda em Linguística- UFRJ. RJ, Brasil. julialangerc@hotmail.com

desgosto, pena) dentro da construção *a pesar de* até se tornar a preposição de valor concessivo *apesar de*.

A motivação para esta pesquisa veio da leitura de Bybee (2010), em que a autora apresenta, dentre outras coisas, a passagem do substantivo *spite* para a preposição composta *in spite of*. Inicialmente, achamos que o caminho percorrido por *apesar de* poderia ter semelhanças com o percorrido por *in spite of*.

Foi feita uma pesquisa diacrônica em que coletamos e analisamos os dados de um *corpus* composto por diversos textos<sup>i</sup> dos séculos XIII ao XIX da língua portuguesa. Num primeiro momento, foram coletadas todas as ocorrências do item *pesar* no *corpus*; depois, separamos quais delas se enquadravam na construção estudada, ou seja, Prep1 (a) + Nome (pesar) + Prep2 (de). Dos casos que não se enquadravam na construção, separamos os que apresentavam sentido verbal (medir o peso) e quais significavam tristeza, fardo, pena etc, típico do uso substantivado do item *pesar*. Em relação aos dados que se enquadravam na construção em análise, observamos se todos apresentavam sentido concessivo.

Quanto ao viés teórico, duas visões podem ser utilizadas nos estudos de gramaticalização: uma clássica e outra não-clássica<sup>ii</sup>. Aquela afirma que é o item que se gramaticaliza num determinado contexto, ao passo que esta admite que a gramaticalização acontece com construções. Para esta pesquisa, levamos em conta a visão não-clássica de gramaticalização, pois envolve toda a construção: A (Prep1) + PESAR (NOME) + DE (Prep2). O item *pesar* gramaticaliza-se nesse contexto, tornando-se uma locução prepositiva com semântica concessiva na língua portuguesa. Nas seções seguintes adentraremos o estudo do tema, apresentando uma breve análise de dados e as conclusões da pesquisa.

### **Linguística Centrada no Uso**

Como já mencionado, a base teórica deste trabalho é a gramática centrada no uso (Barlow e Kemmer, 2000) e conseqüentemente, sua visão acerca da linguagem. Sob esta perspectiva, a língua é concebida como algo maleável, ou seja, pode ser moldada de acordo com as intenções comunicativas do falante. Para os linguistas dessa corrente, a investigação linguística não deve se ater somente à estrutura gramatical, mas se preocupar também com as diversas situações comunicativas nas quais os usuários estão inseridos. Além disso, esse viés,

diferentemente da linguística formal, não acredita que haja um órgão específico destinado à linguagem, mas que ela é oriunda de habilidades cognitivas gerais que tornam possível o seu aprendizado.

Dentre as abordagens que se enquadram na linguística centrada no uso, temos, por exemplo, o funcionalismo, o cognitivismo, a sociolinguística e outras que também rejeitam a autonomia da estrutura (sintaxe) em detrimento da função, e creem que as dimensões social e cognitiva não devem ficar à parte nos estudos linguísticos.

Desse modo, pode-se falar em uma abordagem linguística segundo a qual o discurso é organizado de acordo com intenções comunicativas dos falantes, ou seja, por fatores de ordem cognitiva e comunicativa. Por isso, dizemos que a gramática é feita no discurso, a depender das diferentes situações comunicativas. De acordo com essa visão, as formas linguísticas e sua estrutura sintática seriam um reflexo de processos cognitivos e das intenções comunicativas que o falante organiza no momento da interação discursiva.

Por conceberem a linguagem como uma estrutura maleável que se adequa às diferentes situações comunicativas, os estudiosos dessa corrente procuram investigar essa fluidez da linguagem, ou seja, essa capacidade que as línguas têm de assumirem formas distintas em condições diferentes, isto é, com falantes, situações e épocas diferentes. Devido a isso, há um grande interesse por parte dos desses linguistas em investigar o fenômeno da mudança das línguas (Martelotta, 2003).

A pesquisa acerca da mudança linguística sob a ótica da gramática centrada no uso tem se preocupado basicamente com os processos de gramaticalização e com a relação que este processo pode ter com o desenvolvimento de novas construções gramaticais. Falaremos um pouco mais disso nos tópicos Gramaticalização e Gramaticalização de Construções.

## **Gramaticalização**

Esta pesquisa tem como base alguns pressupostos da teoria da Gramaticalização (Hopper e Traugott: 2003; Traugott e Dasher: 2005; Heine e Kuteva: 2007). Em linhas gerais, esta teoria diz que um item lexical passa a assumir função gramatical dentro de um determinado contexto

ou que um item gramatical assume uma função ainda mais gramatical<sup>iii</sup>. Há ainda a possibilidade de lidar com a gramaticalização no nível da construção, que será abordada na seção seguinte. Vale ressaltar que gramaticalização é, ao mesmo tempo, um processo e um modelo teórico.

Os estudiosos da gramaticalização afirmam que este é um fenômeno que deve ser estudado fundamentalmente do ponto de vista diacrônico, mesmo que exista uma face da gramaticalização que seja sincrônica, pois o principal interesse desta teoria é verificar como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem ao longo do tempo.

Convém lembrar que a principal motivação para a gramaticalização é o uso de formas linguísticas com sentido mais concreto, ou seja, mais acessíveis, na designação de conceitos mais abstratos, ou menos acessíveis. Neste sentido, o processo de gramaticalização segue o *continuum* do concreto > abstrato, em que estruturas do léxico (+ concreto) passariam a assumir um valor gramatical (+ abstrato).

Heine (2003) descreve a mudança em termos de um modelo de três estágios, que ocorre da seguinte forma: A > AB > B. Este modelo, chamado de *overlap model*, propõe que existe na língua uma expressão linguística A que é recrutada para gramaticalização; essa expressão adquire um outro padrão de uso B, que gera ambiguidade com a forma A. Com o tempo, A se perde e B toma os contextos de uso. Mas, algumas vezes, A e B podem coexistir na língua.

### **Gramaticalização de Construções**

Goldberg (1995) afirma que o estudo sobre construções não deve ser marginalizado, como vinha sendo no estudo das línguas. Ao invés disso, ela argumenta que as construções devem ser reconhecidas como entidades teóricas que carregam significados em si mesmas, independentemente dos elementos que as compõem. Assim, as construções são vistas como as unidades básicas da língua.

De acordo com a autora (1995:4):  $\bar{o}C$  é uma construção se e somente se C é um pareamento de forma e significado  $\langle F_i S_i \rangle$  de modo que algum aspecto de  $F_i$  ou de  $S_i$  não é estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.<sup>iv</sup>

Desse modo, os teóricos que trabalham sob a perspectiva da Gramática de Construções (GC) defendem que todas as classes de estruturas que formam a língua devem ser estudadas, e

não apenas aquelas definidas como centrais, porque se os casos periféricos da gramática puderem ser explicados, então os casos centrais também podem.

Ainda sob essa ótica, construções são pareamentos de forma e significado, em que nem a forma nem o significado são previsíveis a partir dos itens lexicais que as compõem. Isto significa que construções carregam significado em si, independentemente dos itens lexicais que as instanciam, ou seja, têm um caráter não-composicional.

Sempre houve uma intersecção entre a teoria da Gramaticalização e a Gramática das Construções, no sentido de que os seguidores daquela teoria sempre afirmaram que o item se gramaticalizava em determinado contexto. Esse contexto necessário para a gramaticalização ocorrer pode ser entendido como um pressuposto para o reconhecimento de construções. Consoante Traugott (2003:18), gramaticalização é o processo pelo qual, em contextos morfossintáticos e pragmáticos altamente restritos, é atribuída uma função gramatical ao material lexical. Além disso, o processo de formação de uma nova construção pode estar pareado ao processo de gramaticalização.

Desse modo, podemos dizer que o processo de gramaticalização, dentro da perspectiva da GC, demonstra que construções menos esquemáticas (ou mais substantivas) passam a ser mais esquemáticas (ou menos substantivas). E quanto mais esquemática uma construção, mais produtiva ela será.

### **A gramaticalização de *in spite of* (segundo Bybee, 2010)**

No decorrer do livro *Language, Usage and Cognition*, Bybee desenvolve a proposta de que a mente humana apresenta processos cognitivos gerais que interagem para criarmos a estrutura linguística, a gramática de uma língua.

No capítulo 3, a autora apresenta um destes processos de domínio geral que permite o agrupamento de experiências sequenciais, isto é, cenas que ocorrem repetidamente. A este processo, dá-se o nome de *chunking*. Este agrupamento também influencia todos os demais sistemas cognitivos, cooperando para a organização geral da memória. Ainda, segundo Haiman (1985), unidades que são semanticamente relevantes umas para as outras tendem a ocorrer juntas no discurso.

Outra habilidade cognitiva que seria essencial para determinar a estrutura de constituintes é a *categorização*, que resulta em conexões de rede que sustentam a analisabilidade. O exemplo dado pela autora para corroborar esta afirmação são as preposições compostas, como *in spite of* e *on top of*, que funcionam como uma única unidade, ou seja, como preposição simples.

Estas locuções prepositivas surgem em uma sequência de dois sintagmas preposicionais, em que o primeiro nome do sintagma é, muitas vezes, relacionado a outro que tende a perder seu *status* de nome, assim como a possibilidade de ser flexionado e de ter determinantes ou adjetivos modificadores. A análise completa dos constituintes do sintagma original é mostrada no exemplo abaixo, em que um Sprep dentro de um SN é o objeto da preposição:

[in[spite[of[the king] SN]Sprep]SN]Sprep

Para realizar a análise constitucional a que se propõe, Bybee diz que é preciso identificar os elementos dentro do sintagma com ocorrências em outras partes do léxico, ou seja, categorizar. Isto significa formar associações com exemplares das preposições e nomes pertencentes ao sintagma. A repetição do sintagma seria, portanto, um exemplar e permitiria significados, inferências e fatores contextuais ligados diretamente a ele. Tal estrutura torna-se uma construção através da repetição.

No subitem 8.4, Bybee (2010) fala sobre a estrutura constituinte de preposições compostas e aplica indicadores de separação sintática propostos por Quirk *et al* (1985) a fim de comprovar que *spite*, dentro da construção *in spite of*, não pertence mais à categoria dos nomes, mas está funcionando como um elemento que preenche uma construção constituída por: PREP1 + NOME + PREP2, em que *IN* ocupa a posição de prep1, *SPITE* a posição do nome e *OF* a posição de prep2. Todo este contexto, restrito e determinado, ocorrendo junto, constitui um *chunk*. Além disso, numa determinada frequência de uso, houve uma perda categorial e todos os elementos, neste contexto de uso, gramaticalizaram-se com um valor semântico concessivo.

Alguns dados dos séculos XV e XVI do inglês mostram o substantivo *spite* com a noção de *desgosto; decepção; ressentimento; despeito; raiva*. Com o passar do tempo, por inferência sugerida<sup>v</sup>, esta construção passa a assumir um valor concessivo. Exemplos:

- Século XVI: “The benefits of inoculation have established the practice *in spite of* all opposition.” (*Gentl. Mag.*, 1762. XXXII. 217/2)

“Os benefícios da vacinação estabeleceram a prática para o *desgosto de* toda a oposição.”

- Século XIX: “The tears, *in spite of* her, forced their way between her fingers.” (SCOTT *Br. Lamm.* 1818, xx)

“As lágrimas, *a despeito* dela, forçavam passagem entre os dedos.”

- Inglês atual: “*In spite of* the rough conditions, travel advisories and the war on terrorism, scores of older Americans are uprooting their lives to help needy nations improve their living conditions.” (*Time Magazine* 2003).

“*Apesar das* más condições, dos conselhos de viagem e da guerra contra o terrorismo, muitos americanos mais velhos estão abandonando suas vidas para ajudar as nações necessitadas a melhorar suas condições de vida.”

O exemplo do inglês atual nos mostra a perda de analisabilidade, ou seja, não é possível identificar o significado das partes que compõem a construção. Com o uso da construção, é acessado apenas um significado, que é o concessivo.

O parâmetro da decategorização também é um bom indicador da gramaticalização na construção, porque da mesma forma que o substantivo do Sprep gramaticalizado sofre perda de conteúdo semântico, também há perda de *status* categorial, ou seja, muda de categoria. Antes, *spite* pertencia à categoria dos nomes, quando passa a ser visto como um *chunk* juntamente com *in* e *of*, ocorrendo com uma determinada frequência na língua, não sendo mais um item independente e passa a pertencer à categoria preposicional, com valor semântico concessivo.

A perda de categoria, decategorização, é uma consequência da perda de composicionalidade e de analisabilidade das partes que constituem a construção. Há, então, uma reanálise gradual por parte do falante, fazendo mudar as relações de rede que dão origem ao nível construcional. Em outras palavras, isto é o resultado de mudanças graduais nos níveis de analisabilidade e de composicionalidade das construções gramaticalizadas.

Estes são os aspectos mais relevantes do capítulo 8 de Bybee (2010) para comprovarmos o caminho de gramaticalização da construção *in spite of*.

### **Gramaticalização de *Apesar de***

Estudos de casos de gramaticalização em diversas línguas nos mostram uma trajetória regular e unidirecional da mudança linguística, em que elementos gramaticalizados provêm de uma trajetória que segue a seguinte direção:

CONCRETO > ABSTRATO

Martelotta (1994; 2011) afirma que elementos mais abstratos (ou mais gramaticais) provêm de elementos mais concretos (mais lexicais). Ainda de acordo com o autor, podemos afirmar que é uma tendência entre as línguas substantivos se gramaticalizarem a partir de verbos (1994:44) e conjunções se gramaticalizarem a partir de substantivos, conforme a seguinte trajetória:

VERBO > SUBSTANTIVO > CONJUNÇÃO

Sob esta perspectiva, podemos inferir que elementos mais concretos, tais como verbos e substantivos dão origem a elementos mais gramaticais, como verbos auxiliares, marcadores discursivos, conjunções e preposições compostas<sup>vi</sup>.

Como o trabalho é baseado na linguística centrada no uso, adotamos a visão de que as categorias gramaticais são fluidas, isto é, não são discretas como defendido pelos formalistas. Ao contrário, estão dispostas num *continuum* em que há elementos mais centrais e outros mais marginais. Por exemplo, considerando a categoria dos verbos, o verbo *ir* pleno, como em *Eu vou à escola*, é mais central do que seu uso como auxiliar de futuro, *Eu vou estudar para a prova*. Nesse sentido, segundo Martelotta (1994:44), numa escala entre o concreto e o abstrato, a categoria dos verbos se encontra mais próxima do concreto do que a dos substantivos, bem como esta em relação às preposições.

Vejamos exemplos da trajetória de mudança de *pesar* (substantivo) > *apesar de* (locução prepositiva):



(1) todolos outros vícios em algum tempo tem deleitaçám e este da viçiosa vergonha em requerimentos, com tristeza se ouvem, com **pésar** se permitem e conçédem. **Século XVI** (Obra Pedagógica de João de Barros)

(2) A verdadeira ciencia he a das Leys, e Canones, que lhe dá caça, e mete a sacco todos os ladroens: e bastava taõ heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas **a pezar de** roins, com quem tem sua ralé: e se estes a desacreditam, naõ valem testemunha, porque os açouta. **Século XVII** (A Arte de Furtar).

(3) Annibal Paz da Silva, filho do nosso bravo coronel Fidelis, que **apesar de** mal seguro nas moletas pelas feridas de Jatahy se está apromptando para ir com o Tamandaré desembarcar na Assumpção . **Século XVIII** (Carta Pessoal Marquês do Lavradio)

De acordo com o *corpus* da presente pesquisa e com os dados obtidos a partir dele, podemos dizer que nos séculos XIII, XIV, XV e XVI havia dois usos predominantes em relação ao item *pesar*, um deles é o verbo que designa *por na balança, saber o peso* e o outro é o substantivo *pesar* com significado de *tristeza, pena, dor, arrependimento, fardo, remorso etc.*

Partindo do princípio de que um uso mais subjetivo é derivado de um uso mais concreto, e também de acordo com o que já foi dito anteriormente e comprovado com estudos em gramaticalização, postulamos que o uso do substantivo é posterior ao verbo *pesar*, bem como a construção concessiva *apesar de* é posterior ao substantivo. Sendo assim, os exemplos de 1 a 3 ilustram esta trajetória. Vejamos outros exemplos:

(4) Pois que me foi el furtar meu podengu'e mi o negar ((V5)) - e quantø a meu cuidar, estes penhos **pesar**-lh'-am: ca o querøeu penhorar na cadela, polo cam. Penhoremos o daiam ((V10)) na cadela, polo cam. **Século XIII** (Cantigas de Escárnio e Maldizer - Afonso X)

(5) E pois razom [a]tam descomunal fostes filhar, e que tam pouco val, **pesar**-mi-á en, se vos pois a bem sal ((V10)) ante o diabo, a quøbedecestes. **Século XIII** (Cantigas de Escárnio e Maldizer - Afonso X)

(6) nem ouvero~ alegria, outros que juraro~ de nu~ca vestir panos de collar e outros de no~ comer carne; e todos ouveron grande **pesar** da sua morte ca o amava muyto. E foy soterrado em Calez. **Século XIV** (Crônica de Espanha)

(7) Ca, ante que finasse el rey dom Fernando, seu padre, casou elle con dona Violante, filha del rey dom James d'Aragon e yrma~ao del rey dom Pedro. E avya el rey dom Afonso muy gram **pesar** por que non avya della filho. **Século XV** (Crônica de Afonso X (Ms L) in Crônica Geral de Espanha)

(8) todolos outros vícios em algum tempo tem deleitaçam e este da viçiosa vergonha em requerimentos, com tristeza se ouvem, com **pésar** se permitem e concedem. **Século XVI** (Cartas de D. João III)

Nos dados do século XIII até o século XVI só registramos dois usos da palavra *pesar*: como verbo e como substantivo. No exemplo 4, *pesar* apresenta o sentido do verbo (sentir o peso); já nos exemplos 6, 7 e 8 o item *pesar* é usado como substantivo e denota *tristeza, lamento, fardo*.

O exemplo 5 é um tanto curioso, pois se enquadra em uma acepção dada ao verbo *pesar* pelo dicionário Aurélio diferente de “saber o peso” que é: *sentir um incômodo semelhante ao peso*. Parece-nos que é justamente o uso do *pesar* com esse sentido que possibilita ao usuário da língua inferir o sentido de carga negativa, algo ruim, ou seja, um fardo, peso, tristeza, lamento. Assim, o falante pôde estender o uso do *pesar* para contextos em que se usaria um substantivo e não um verbo, aceitando determinantes, modificadores e flexão de plural. Exemplos:

(9) Vossa Paternidade me pode escrever, que sempre estimo suas novas, sendo como desejo, e sinto suas aflições e **pesares**. **Século XVII** (Cartas espirituais)

(10) Lerão aqui nossos vizinhos e confinantes (que muito *a pesar meu* sou forçado alguma vez a lhes chamar inimigos, havendo tantas razões, ainda da mesma natureza, para o não serem). **Século XVII** (História do futuro)

Com o passar do tempo, num processo gradual, os elementos sujeitos à gramaticalização começam a sofrer restrições colocacionais, ou seja, restrições gramaticais no que diz respeito à ordem, junção dos elementos e atribuição do novo valor semântico resultante destas relações. Na presente construção, há restrições quanto ao determinante que não pode mais acompanhar o substantivo, é necessário que seja a preposição *a* e a preposição exigida pelo nome *pesar* também

não pode ser nenhuma outra senão *de*. Combinações como *\*opesar com*, *\*apesar para*, *\*apesar em* e outras são agramaticais na língua. Até o século XVI, podíamos encontrar ocorrências como:

(11) **o pesar de** *resistir* às suas inspirações; muito por vontade lhe entregai o coração; chorai muitas lágrimas, ide-vos ao côro, dizei ao Senhor: "Meu esposo e meu senhor, único amor da minha alma, glória minha, delícia minha, ¿que querereis de mim, meu Deus, que eu não queira?ö  
**Século XVII** (Cartas espirituais)

A partir do século XVII, houve um aumento da frequência de uso tanto da palavra *pesar* em seus diferentes sentidos, quanto dentro da construção estudada. Neste período, pudemos observar também uma irregularidade na escrita da construção. Ora a preposição *a* e o substantivo eram grafados juntos, ora eram separados por hífen e ainda poderiam estar todos os elementos composicionais separados. Havia também uma variação entre as letras *s* e *z* na palavra *pesar*. Vejamos exemplos:

(12) Em casa, **apesar de** *idade tão tenra*, de nenhuma cousa se deixava levar daquelas a que os mininos são afeiçoados. **Século XVII** (A vida de Frei Bertolameu dos mártires)

(13) A cabeça é qual foi sempre, e muito peor, por minha culpa, do que Deus a fêz; mas ainda assim, **a-*pesar das*** bofetadas, não sente agora mais que umas pequenas xaquecas. **Século XVII** (Cartas espirituais)

(14) primeira, que o fogo, onde está, não se pôde esconder, logo lança fumo, e luzes: e assim são estes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ lustres, que manifestam o proveito, com que sahiraõ da empreza, em que apregoaõ, que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que **a *pezar de*** sua mentira descobre a verdade. **Século XVII** (A arte de furtar)

Nos três exemplos acima, o sentido apreendido pela construção *apesar de* é concessivo, independentemente da escrita<sup>vii</sup>, o valor semântico resultante é o mesmo. Houve uma transferência de sentidos, de domínios cognitivos distintos, permitida pela inferência de que uma situação é realizada mesmo com toda negatividade, o que poderia dificultar a realização da mesma. Ainda

assim, determinada situação é alcançada, ou seja, algo é feito contra a expectativa. O mesmo ocorreu com a preposição composta *in spite of* no inglês. Vejamos um exemplo de um contexto que pode ter sugerido o surgimento do valor concessivo:

(15) A verdadeira ciencia he a das Leys, e Canones, que lhe dá caça, e mete a saco todos os ladroens: e bastava taõ heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas **a pesar de** roins, com quem tem sua ralé: e se estes a desacreditam, naõ valem testemunha, porque os açouta. **Século XVII** (A arte de furtar)

Como já foi dito, a repetição destes três elementos composicionais, *a + pesar + de*, formou uma única unidade cognitiva que passa a desempenhar uma nova função gramatical e discursiva na língua. Gramatical, pois passa a funcionar como uma preposição com valor concessivo, e discursivo, pois õdá ideia de um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-laõ (Cunha e Cintra, 2008). Representa a contra-expectativa do falante em relação ao que está sendo dito. Segundo Givón (1979), as formas linguísticas e sua estrutura sintática seriam um reflexo de processos cognitivos e das intenções comunicativas que o falante organiza no momento da interação discursiva. Quando um fenômeno linguístico passa a ter uma maior frequência de uso, ocorrendo de forma previsível e estável, podemos dizer que se regularizou como norma de uma língua, ou seja, saiu do discurso e entrou para a gramática. A sintaxe evolui do discurso.

Contextos, como o exemplificado em 15, somados a fatores de ordem pragmática, discursiva, cognitiva e estrutural, promoveram o desenvolvimento, a partir do século XVII, do valor concessivo aplicável à construção *apesar de*. Exemplos:

(16) Eis aqui o Belo Arminho, que, **apesar das** ocasiões que o mundo, carne e diabo lhe ofereceram (foi ilustre por sangue, sobrinho do papa Marcelo II e ocupou perigosos quanto altos lugares). **Século XVII** (Nova Floresta)

(17) Faço Certo aVossa Merce ter chegado aestePortoem 30 domes pasado felicitado dñuma feliz Viáge, **apezar de** ser demorada, achando Recolhido todos Osmais, quantos setinhão separado nasahida della. **Século XVIII** (Carta de Comércio - Joaquim Afonso de Oliveira)

(18) **apezar de** estar já deso- | rientado pelo insulto que acabava de soffrer, |lhe repliquei que eu não podia ser recru- | tado, que era bem conhecido, e por elle | mesmo acabara de sel-o, e demais disso que | era militar (no que me devia acreditar **ape- | zar de** estar com a minha jaqueta)  
**Século XIX** (Carta de leitor 351 ó Jornal Novo Tempo)

## Resultados

Para que a observação dos dados torne-se evidente, a tabela abaixo mostra sua distribuição em termos percentuais:

Tabela 1: distribuição do percentual de ocorrências ao longo dos séculos.

	<b>XIII</b>	<b>XIV</b>	<b>XV</b>	<b>XVI</b>	<b>XVII</b>	<b>XVIII</b>	<b>XIX</b>	<b>Total</b>
<b>Verbo</b>	67%	0%	50%	50%	17%	0%	9%	17
<b>Substantivo</b>	33%	100%	50%	50%	43%	25%	12%	47
<b>Preposição</b>	0%	0%	0%	0%	40%	75%	79%	74
<b>Total de ocorrências</b>	6	16	2	2	35	12	65	138

Em relação ao uso do item *pesar*, podemos dizer que inicialmente o uso verbal era predominante. Com o tempo, foi dando lugar a um uso mais abstrato, seria o uso como substantivo. No século XIV, por exemplo, 100% dos dados se deram neste contexto. Ao longo do tempo, este uso se difundiu na língua e os percentuais parecem equilibrados em relação ao número de ocorrências.

É interessante observar nesta tabela o surgimento de um uso ainda mais abstrato, com caráter mais gramatical, que é o da preposição concessiva *apesar de*. A partir do século XVII, esse uso tornou-se predominante nos dados analisados. Vale ressaltar que nossos resultados não são categóricos devido à heterogeneidade do *corpus* e também à disparidade de ocorrência dos dados por século.

## Conclusões

Podemos concluir que as evidências corroboram o que foi dito durante todo o trabalho acerca da gramaticalização da construção *apesar de*.

Assim como ocorreu com a locução prepositiva *in spite of* no inglês, em que estes elementos foram processados cognitivamente como um *chunk*, tornando-se uma única unidade, também ocorreu no português, mas houve uma univerbação entre a preposição *1* e o substantivo. Isto foi possível tanto no inglês, quanto no português por interferências cognitivas de domínios gerais, como o *chunking* e a categorização.

Consideramos esta mudança como gramaticalização da construção, pois foi em um contexto altamente restrito, para além do item, que houve uma mudança categorial. Os elementos que compõem a construção perderam suas categorias de base, houve esvaziamento semântico, inferência sugerida por contextos determinados, em que estes elementos (*a + pesar + de*) funcionavam juntos. Tudo isto possibilita ao falante interpretar estes elementos como uma única unidade cognitiva e preencher esta unidade com outro significado, neste caso, o concessivo.

Portanto, este estudo atingiu seu objetivo demonstrando, numa perspectiva diacrônica, a gramaticalização da construção *apesar de* no português.

## Referências Bibliográficas

BARLOW, Michael e KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage-based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.  
CUNHA, C. e CINTRA L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GOLBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HAIMAN, John. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: Joseph, B.D. and Janda, R.D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Blackwell, Oxford, 575-601, 2003

HEINE, Bernd e KUTEVA, Tânia. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: University Press, 2007.

HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MARTELOTTA, M. E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. 1994. 242p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

MARTELOTTA, Mário E. Ordenação de advérbios qualitativos: reflexões sobre a unidirecionalidade na gramaticalização. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção et al. (orgs). *Língua(gem): reflexões e perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

MARTELOTTA, Mário E. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth C. e DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Recebido em 14 de janeiro de 2013.

Aprovado em 29 de janeiro de 2013.

---

<sup>i</sup> Para levantamento dos dados foram utilizados os seguintes textos: SÉCULO XIII: Afonso X Foro Real; cantigas de escárnio e maldizer; Chancelaria D. Afonso III; documentos notariais; Dos costumes de Santarém; Foros de Garvão; Notícias do Torto; Tempos dos Preitos; Testamento de D. Afonso II; Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo (Oxford); Textos Notariais in Clíticos na História do Português; Textos Notariais in História do Galego-Português; SÉCULO XIV: Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; Crônicas de Espanha. SÉCULO XV: Crônicas do Conde d. Pedro de Meneses; Crônica de D. Afonso X; Foros de Garvão; Histórias dos Reis de Portugal; Notariais in História do Galego português. SÉCULO XVI: Textos extraídos do Corpus Internacional de Língua Portuguesa, são eles: Cartas D. João III, Carta Jesuítas, Carta de Caminha, JBarros Dil Vic Vergonha; SÉCULO XVII: Textos extraídos do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe, são eles: A arte de furta (1645), Cartas familiares (1646), Tácito (1646), Côrte na Aldeia e Noites de Inverno (1607), Gazeta (1642), História do futuro (1667), Monarchia Lusitana (1619), Poesia e Pintura (1635), Sermões (1667); SÉCULO XVIII: Textos extraídos do Corpus Internacional de Língua Portuguesa, são eles: Carta Aldeamento de índios, Correspondência da administração pública do estado da Bahia, Cartas Comerciais do estado do Maranhão, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, Textos da administração pública (CILP1BMPBC), Representação oficial (CILP1BMRERJ), Carta-relatório (CILP1PMCORJ). Textos extraídos do PHPB: Cartas Oficiais, Cartas Pessoais, Cartas Comerciais, Documentos Oficiais e Documentos Particulares. Textos extraídos do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe: Cartas Brasileiras; SÉCULO XIX: Textos extraídos do Corpus Internacional de Língua Portuguesa, são eles: Cartas Comerciais do estado do Paraná, Cartas Aldeamento de índios do estado de São Paulo, Cartas Pessoais dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. UNESP (CGM, DMA, IRP, RNG e RV) e Cartas de leitores dos estados (Paraná, Bahia, minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo).

---

<sup>ii</sup> A definição clássica também pode ser chamada de gramaticalização *stricto sensu*, enquanto a mais geral também é reconhecida como *lato sensu*.

<sup>iii</sup> Bybee propõe uma nova definição de gramaticalização baseada na frequência. De acordo com ela, este é um processo pelo qual sequências de palavras ou morfemas frequentemente usados se tornam uma única unidade de processamento, ou seja, perdem sua composicionalidade e os elementos são vistos como uma unidade ou construção.

<sup>iv</sup> Tradução livre de:  *$\bar{o}C$  is a construction iff<sub>def</sub>  $C$  is a form-meaning pair  $\langle F_i S_i \rangle$  such that some aspect of  $F_i$  or some aspect of  $S_i$  is not predictable from  $C$ 's component parts or from other previously established constructions.*<sup>o</sup>

<sup>v</sup> Se uma situação apresenta obstáculos e mesmo assim ela é concluída, a inferência é de que não se esperava este resultado diante de tais circunstâncias. O sentido concessivo surge a partir desta noção, ou seja, indica que algo é feito contra a expectativa.

<sup>vi</sup> Essas preposições compostas às quais nos referimos, são, por exemplo: apesar de, a partir de, a fim de, etc.

<sup>vii</sup> Estar escrito junto pode ser um indício de que cognitivamente está junto, ou seja, o falante não recupera mais a composicionalidade da construção (como é o caso do exemplo 12).